

M A R C E L O
C A R R E R A

A F T E R - JOACHIM KOESTER

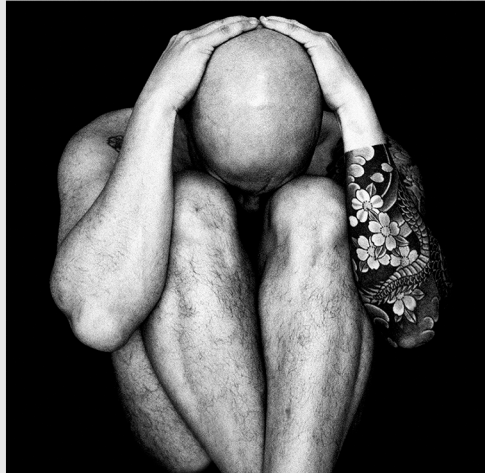


**A M P L I A R O
M I S T É R I O**

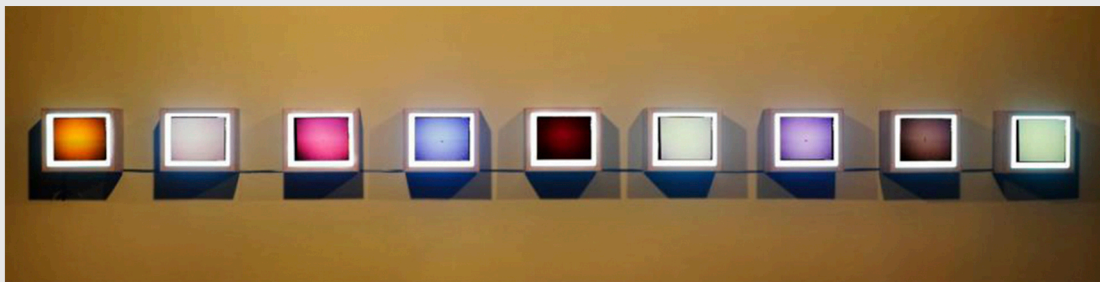
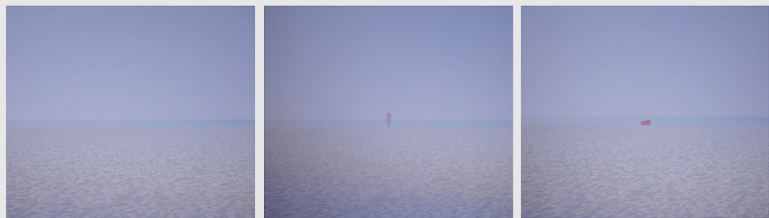


A U T O R R E T R A T O S





C O P A C A B A N A
(AUGUSTO MALTA SUBVERSÕES POÉTICAS)



Exposição SESC Copacabana - Augusto Malta Subversões Poéticas - Edu Monteiro - Curador

O desafio desta exposição é criar um diálogo entre a fotografia documental do início do século XX e a produção recente. Convidamos oito novíssimos artistas cariocas, de olhar sensível e poética apurada, para subverterem imagens históricas de Copacabana realizadas por Augusto Malta, um fotógrafo que mergulhou nas cenas do dia-a-dia, documentou obras importantes e acompanhou a metamorfose urbana do Rio de Janeiro. Com um hiato de quase um século, entram eSte entre a realidade e a ficção.

Este último século foi marcado por subversões na história da arte que reverberaram até hoje na produção de imagens. Ouvimos o grito irreverente dos dadaístas em repúdio à atmosfera envenenada das guerras. Assistimos a Duchamp embaralhar toda a lógica da arte. Fomos incitados a antropofagizar a cultura por Oswald de Andrade. Sentimos os neoconcretistas reinventarem a relação entre artista e espectador. Nos surpreendemos com a mistura da alta cultura e cultura popular na arte pop e acreditamos em não separar a arte da vida. Presenciamos a engenhosidade da arte de resistência para driblar a censura na ditadura militar. E vimos um Man Ray irônico afirmar que a fotografia só se tornaria arte quando perdesse a acidez tivesse o mesmo tempo da arte e do álcool.

Para falar da passagem de um século em colapso, Copacabana é uma ótima metáfora um lugar repleto de subversões e poesia urbana. As fotografias do bairro realizadas por Augusto Malta não são as mais conhecidas do fotógrafo, mas são gostosas, possuem o encanto de um tempo em suspensão, de silêncio. Mas o tempo não para e Copa foi crescendo na verticalidade de seus prédios e na velocidade das ondas do rádio. Foi embalada pela bossa nova e num piscar de olhos, acelerou virou batidão, transbordou.

Neste século relâmpago, a arte também transbordou, mas o tempo se contraiu, e as reduções artísticas, operadas pela arte conceitual neovanguardista dos anos 1960-1970 contribuíram para o surgimento da estética das atuais redes sociais, onde todos postam textos e imagens, mas o tempo para ver e ler é escasso. Tal visão está presente na arte contemporânea : fraca, virtual, apocalíptica em seu exercício de contração do tempo. Esta exposição não deixa de ser um sintoma de tudo isso, uma grande mixagem - misturas e cruzamentos. São artistas encontrando seus caminhos, com personalidades e abordagens diferentes, mas que de alguma forma se unem na pluralidade se suportes que marca a fotografia atual.

D E S E J O S
D E
A M O R E
M O R T E







D I A C R Ô N I C O

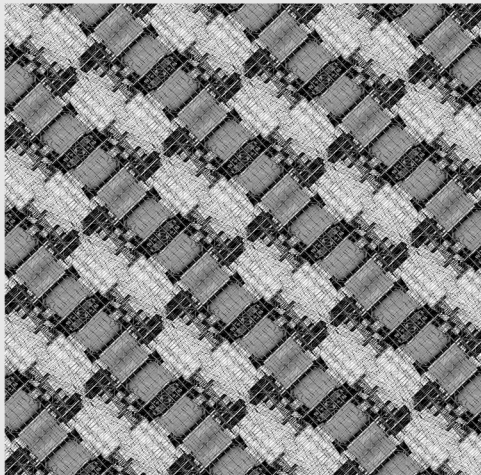
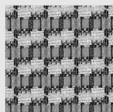
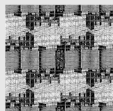


E S P E S S U R A
D O
P R E S E N T E



I N S U F I C I Ê N C I A
H U M A N A

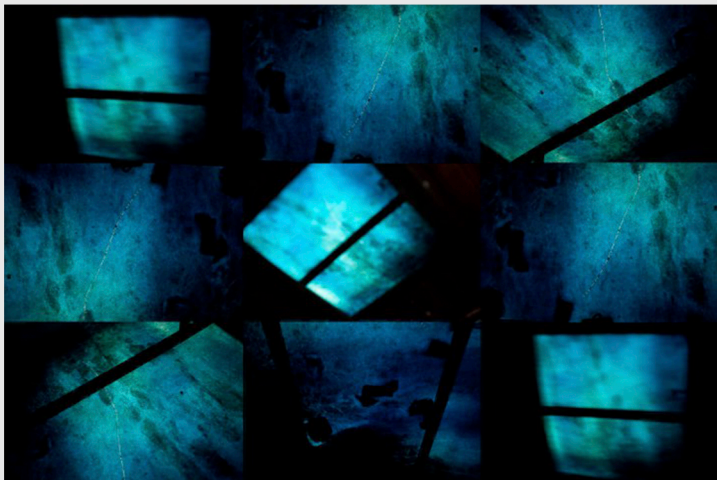




L E M B R A N Ç A
D E
Q U E M
N U N C A
F U I

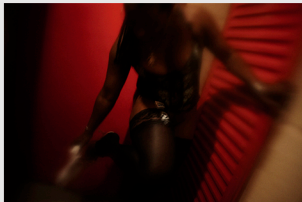


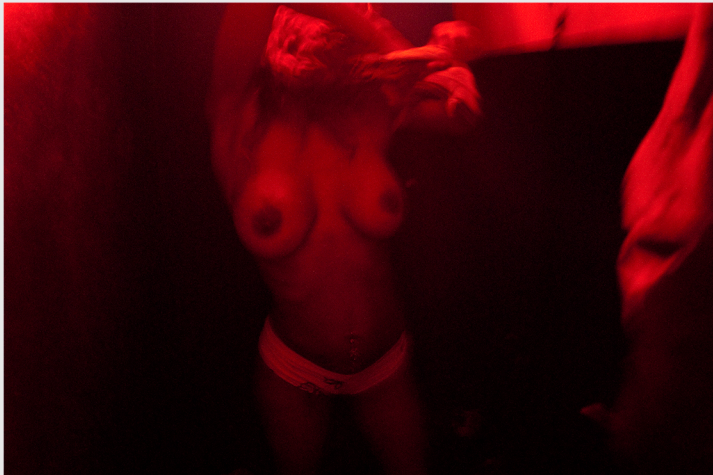
**M E N I N A S
D A V I L A**

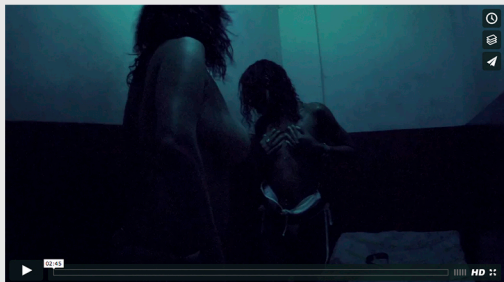












*Acesse o QR Code e veja o vídeo
"Meninas da Vila" no Vimeo.*



*Acesse o QR Code e veja o livro
"Meninas da Vila" no Blurb.*

Meninas da Vila - O projeto

Vila Mimosa é o mais antigo e conhecido distrito de prostituição no Rio de Janeiro, hoje abriga em suas casas algo em torno de 1000 mulheres que cobram 12 dólares por um programa de 15 minutos e tem sido assim nos últimos 105 anos.

O projeto "Meninas da Vila" (Vila Mimosa, cartão postal secreto do Rio de Janeiro) nasceu da curiosidade sobre essa vila centenária e pela necessidade de conhecer um pouco melhor quem são essas mulheres, o que sentem, como lidam com sentimentos de 'culpa', 'vergonha', 'medo' e de que modo interagem com suas famílias e com a moral cristã predominante.

Dois anos e muitas visitas depois, descobrimos que temos muito mais semelhanças com essas mulheres do que imaginávamos a princípio. Não queríamos julgar e sim retratar. Os olhares, o vazio, o medo, os abusos, asmarcas, os valores e o código de ética local. É, portanto, um trabalho documental que permanecerá em andamento, onde adentramos na vida íntima dessas mulheres, bem como dos cafetões e clientes.

São "Environmental Portraits": Em termos técnicos, usamos somente luz natural, o que significa dizer que usamos quase nenhuma luz, pois os quartos são minúsculos, tendo, na maioria das vezes, uma lâmpada fraca, uma janela ou uma fresta no telhado. Contudo, fomos percebendo que essa condição de pouca luminosidade nos possibilitava mostrar de forma contundente as cores e texturas das paredes, bem como, em muitos casos, contribuía para esconder os rostos, tirando partido das sombras, ou oferecendo enquadramentos agressivos, que traduzem inquestionavelmente aquela realidade como a vivamos em cada sessão.

Muitos nos perguntam qual o propósito de tudo isso. Outros indagam o que de novo estamos trazendo com esse trabalho. Já nos questionaram até qual seria o tipo de perversão que nos motiva. Acreditamos que a resposta vai além da experiência fotográfica, pois o que nos interessa são as pessoas e a documentação desse ambiente ácido, raramente conhecido fora daqueles quarteirões, dificilmente divulgado para o público que não o frequente.

Assim, pretendemos propor uma reflexão sobre ética, valores, direitos humanos e femininos, descaso do governo e a hipocrisia, buscando estabelecer alguma comunicação entre esse universo quase sempre 'vorrido para baixo do tapete' e este outro do qual somos parte, gerando informação, pois a ignorância é a mãe de todos os preconceitos.

Consideramos fundamental ressaltar que as "meninas" sabiam do projeto e concordavam com as fotos : o método sempre foi explicar as razões do trabalho, pagar o programa de 15 minutos e, nesse intervalo, em um quarto sujo e escuro, fazer imagens que retratassem aquela experiência e aquele ser humano. Presenciamos o uso de drogas, assim como a ação de grupos locais que vendem segurança e estabelecem as regras da Vila. Muitas vezes fizemos fotos com filme, usando médio formato, sempre com uma grande motivação para fotografar.

Podemos afirmar que essa experiência tem nos afetado profundamente, nos trazendo uma perspectiva totalmente nova, e isso nos motivamuito; é a revelação de um mundo novo, uma nova regra, novos personagens, muitos dos quais embora vivam da 'indústria' do sexo, não se reduzem à sua prática.

Não nos move qualquer espécie de sadismo ou perversão: sentimos-nosdesenvolvendo uma experiência sociológica relevante sob todos os aspectos. Todas as fotografias desse trabalho são de pessoas que, assim como eu e você, almejam a felicidade. Pode ser que não lhe interesse saber que existe uma vila no Rio de Janeiro, com mais de 100 anos, tida como a maior zona de prostituição heterossexual do mundo, onde cerca de 1.000 mulheres trabalham 24 horas por dia, 7 dias por semana. Pode ser que você não goste das fotos resultantes donosso trabalho....mas nosso projeto foi feito para que você não possa negar que ela existe, ou quem sabe no futuro, que ela existiu.

Uma História (Mayara)

Mayara Santos é negra, bonita, tem dezoito anos e trabalha na Vila Mimosa há oito meses. Nasceu em São Gonçalo- RJ, onde vive até hoje. Adora a cidade, mas não tem boas lembranças da infância. A mãe evangélica, a obrigava a fazer serviços domésticos diariamente. Agressões físicas e humilhações. Do pai, Mayara guarda poucas boas conversas. "Ele era mais compreensível. Era gay. Mas a realidade é que eles não davam muita importância pra mim".

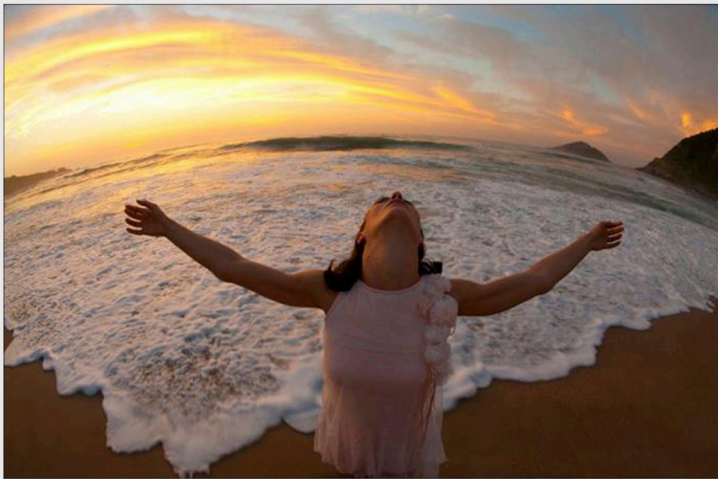
Os pais se separaram quando ela completou cinco anos. Dos sete aos dez, a menina foi repetidamente estuprada pelo marido da mãe, Carlinhos. Nunca contou isso pra mãe. Fugiu para a casa da avó, que lhe dava carinho e guloseimas. Dona Lúcia era espírita, e Mayara começou a se interessar pela religião. Curiosa, aos treze foi receber um passe no Candômblé. Se apaixonou por Rafael à primeira vista.

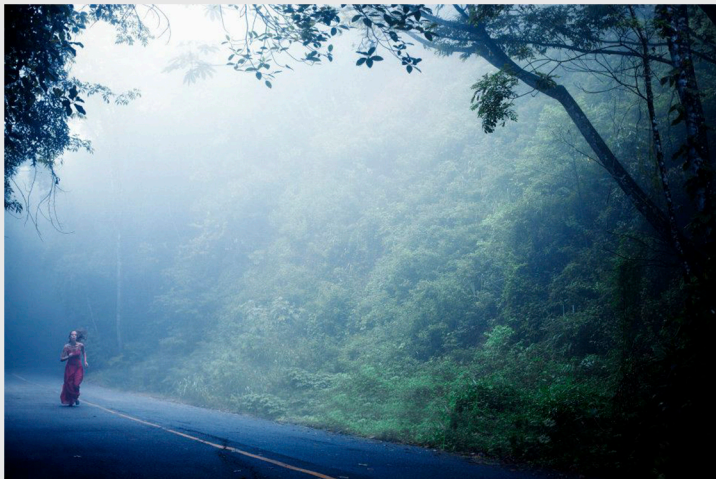
"Quando vi aquele garoto, forte, já sabia que ia dar logo de cara". E não deu outra. Mayara, de treze anos, e Rafael, de dezoito transaram dentro de uma van. Se apaixonaram e casaram. Ficaram quatro anos juntos. Trabalhavam, transavam, dormiam. Traíam. O casamento, no último ano, foi uma farsa. "Eu sabia, ou pelo menos desconfiava que ele me traía. Mas aceitava numa boa. Quando ele falou na minha cara, aquilo doeu muito. Comecei a trair também."

Rafael a largou com um filho de três meses, pra ficar com uma amiga em comum da mesma rua. Isso faz 10 meses. A partir de então, Mayara começou a frequentar a Vila. Não era a primeira vez. Aos doze já havia trabalhado por lá, com uma amiga. Uma vez só. Odiou e não voltara até então. Atualmente, namora com a gerente do seu prostíbulo. Tem nojo de homem, odeia o que faz, e quer sair dessa vida para trabalhar como empregada doméstica. Seu filho chama sua mulher de pai.

**N O
A Ç O
F R I O
D A
S U A
P R E S E N Ç A**



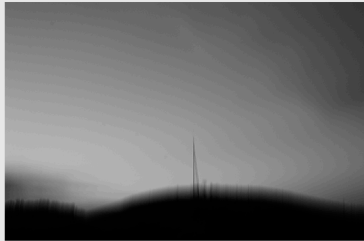
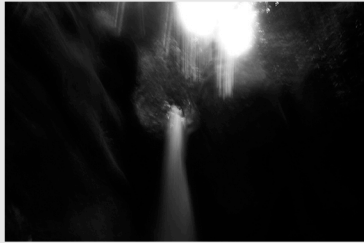


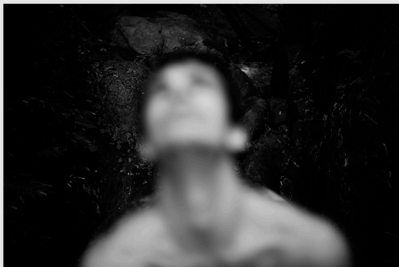
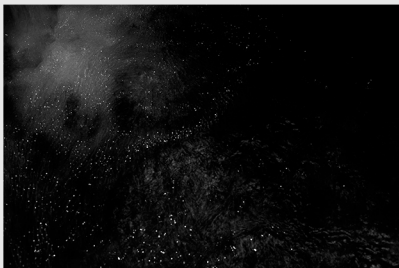


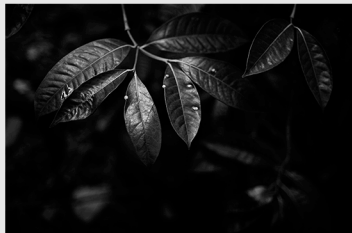
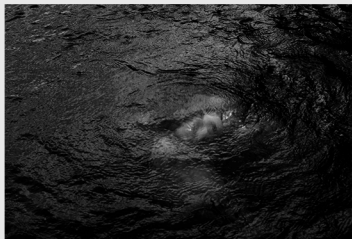
M E T R Ó P O L I S



M U L T I V E R S O











Acesse o QR Code e veja o livro "Multiverso" no Blurb.

Multiverso

Por Simone Rodrigues

Há algo abominável a respeito das câmeras, porque elas têm o poder de inventar muitos mundos. Como artista que vem há muito se perdendo no campo selvagem da reprodução mecânica, eu não sei com que mundo começar. - Robert Smithson

A perplexidade expressa por Smithson nesse texto – A Arte Através do Olho da Câmera (1971) – pode nos ajudar a deixar de fora alguns preconceitos a respeito da fotografia antes de adentrarmos o campo simbólico de Multiverso – o mundo inventado por João Pacca e Marcelo Carrera –, pois este começa justamente com o desafio à nossa capacidade de entender onde estamos e de nomear o que vemos.

Este certamente não é o mundo com o qual estamos familiarizados. E nosso estranhamento não se resume ao fato de que os contornos nítidos das formas figurativas, que costumam ser o traço distintivo do registro fotográfico, aqui tendem à abstração – resultado da perda de nitidez provocada pelos tempos longos de exposição, pela presença de amplos planos desfocados e pela insidiosa presença das sombras. Em Multiverso, a atmosfera sobrenatural, se impõe para além de sua ambientação no espaço físico da natureza.

O caráter idílico das imagens logo nos transporta para a dimensão dos sonhos e suas formas misteriosas de existência. Aqui, plantas, pedras, grutas, rios e cachoeiras funcionam como cenário animado no qual nosso personagem se movimenta.

Ao tentar compreender o que se desenrola nesse cenário, esbarramos em um conjunto híbrido de elementos mitológicos clássicos, sem que possamos reduzi-lo a nenhum mito específico. O belo Narciso, a clarividência de Apolo, a embriaguez de Dionísio, o Hades implacável e muitas outras personificações de divindades povoam essa história, metamorfoseadas. Nesta narrativa alegórica, corpo, espaço e câmera ensaiam um tipo de dança cosmogônica potente o suficiente para reencenar seus ritos pessoais e, a partir deles, reinventar seus mitos.

São gestos e atitudes simbólicas que evocam algum tipo de celebração ou sacrifício. Caso seja um culto, não resta dúvida de que se trata de uma forma de religiosidade panteísta, primitiva, pagã. A relação íntima e sensual com os elementos naturais é a força que move este corpo-espírito que, como uma divindade imanente, nos faz perceber que a natureza é construída como experiência sensível e é capaz de sacralizar o ato prosaico e o profano.

Como toda narrativa mítica, o tempo aqui não é nem linear, nem cronológico, mas cíclico e atemporal. Numa leitura que não exclui sua pluridirecionalidade, parece tratar-se de uma história arquetípica: a jornada do herói em sua busca do autoconhecimento que se sabe autofabricação – autopoiesis, para usar a expressão de Maturana. Neste território de passagem entre a natureza e a cultura, não poderia faltar a crise do enfrentamento da própria sombra, a interdição, o tabu, e sua transcendência/ transfiguração simbolizada pela experiência de morte/renascimento.

Diferentemente da fábula, em geral acompanhada de um ensinamento moral edificante e didaticamente transmitido, a narrativa de Multiverso é aberta e amoral. Os artistas aqui se projetam como que num transe, num êxtase que se apresenta como narrativa subjetiva, verdadeiramente catártica, tendo em vista o contexto cultural a que pertencem, moderno, industrial, urbano, tecnológico, cuja nota dominante é, sem dúvida, o ceticismo.

Multiverso - Por **Jane Maciel**

Dentro de uma mata ou em uma cachoeira o corpo nu se apresenta em um estado misto de epifania e mimetismo. Corpo-água ou corpo-pedra. A fluidez e a rigidez intercalam o movimento desse corpo-forma que o ensaio fotográfico de Marcelo Carrera e João Pacca produz e apresenta. Produção porque este corpo nu performa frente ao aparelho fotográfico, compartilhando a cena com intensa cumplicidade. Apresentação porque o objeto estético – fotografia – materializa e nos faz ver em preto e branco essa vivência íntima do humano na natureza, ou vice-versa. Poderíamos dizer que tais imagens teriam justamente diluir esta separação tão moderna, rígida e purista.

Multiverso libera o corpo nu não para ser mais um elemento na paisagem, mas para ser a paisagem, ou ainda, encarnar na paisagem fotográfica. Este corpo também resignifica a divisão de gêneros, uma vez que o adjetivo "masculino" não parece abarcar totalmente a sua presença (mesmo se o desenho dos músculos enrijecidos nos remeta a alguma ideia de masculinidade). Ao fundir-se com água tal corpo veste-se deste feminino líquido e pode também assumir sua forma fluida. Por outro lado, no mesmo ensaio vemos este corpo transfigurar-se em outros estados: animalesco, apreensivo ou mesmo arreado, escondendo-se ou estando prestes a dar um bote

. O escuro desse ambiente coloca-nos em uma atmosfera onírica e por vezes quase mítica, como nos indica as poucas fotos nas quais o corpo está ausente – intervalos desse sonho trêmulo – e mais ainda, como confirmam aquelas nas quais o corpo aparece. Pois quando nos deparamos com uma enorme queda d'água, com seus níveis rochosos e uma figura apoiada na pedra, com a água caindo e escorrendo por seu corpo, não vemos necessariamente um "homem", mas um "ser" que habita esse mundo, que esteve ali por um momento e que só podemos ver pela fotografia. O espelhamento desta imagem abre uma fenda ao meio, que faz convergir o movimento das águas, por onde nosso olhar pode penetrar.

Em Multiverso são os processos que estão em jogo. Não se trata de uma visada documental da natureza e/ou do humano nela, nem tampouco uma relação "instrumental" do corpo humano na fotografia de paisagem[1]. É sobretudo uma experimentação de territorialização nesse ambiente natural, na qual o corpo – nu – pode inclusive fundir-se ou ensaiar seu desaparecimento etéreo, seja pela subexposição que enfatiza as zonas pretas nas fotos, pelo desfoque proposital ou ainda pelo movimento que faz do corpo um borrão fugidia.

A fotografia da queda d'água precipitando sobre um dorso evoca uma intenção quase ritual deste banho. O encontro da água com o corpo propicia uma rachadura no seu movimento e espessura, e forma na poça d'água nervuras impressas como asas brancas decaídas, ilustrando metaforicamente que a queda é movimento natural da vida e que nela pode estar contida a sua potência. Essa figura decaída parece inerte e ao mesmo tempo guarda o prenúncio do seu próximo movimento. O ritmo descendente da água complementa-se à iminência do levantar-se, ao passo que a foto nos aparece sonora, em alguma medida, aquele zunido da pressão da queda d'água na cabeça. Ou som das nossas próprias quedas. Despir-se e se entregar como exercício de liberdade.

Multiverso - Por **Susana Guardado**

"Enquanto o sonho é o jogo do homem individual com o real, a arte do artista (em sentido lato) é o jogo com o sonho." - Nietzsche

A paisagem como epiderme da cidade e a relação com essa proposição, nos dá a percepção da nossa Natureza construída como experiência sensível.

É da simbiose do indivíduo com o natural-universal que a série fotográfica Multiverso, propõe gerar composições visuais centradas na imagem do corpo a partir da experiência do sublime face ao território.

São fotografias em preto e branco de corpos e elementos que ocupam a paisagem buscando a beleza dos movimentos em harmonia com o que os rodeia.

O ensaio fotográfico nasce de experimentações com artistas convidados por Marcelo Carrera e João Pacca inseridos na natureza, em lugares que servem como portais entre natureza e urbano

É na sua transposição que cada indivíduo, a seu tempo, sobe a esse palco natural e se deixa entregar, procurando perceber o corpo em todos os seus sentidos

As imagens nascem desse encontro que pretendem pensar a experiência sutil entre o corpo e o ambiente de dentro para fora e vice-versa, seus limites ou a ausência deles.

Estamos diante da imagem-força da cidade do Rio de Janeiro, nos conduzindo para um olhar que não é somente o exercício desse sentido, mas sim uma produção de sua significação, uma matriz de experiências de espaço e de tempo.

Paus, pedras, caminhos como no verso da canção, a natureza em potência rompe a temporalidade, juntos com os corpos fotografados trazem um entendimento da figura atenta a proposições de modelos de vivência instintiva, determinando a abertura para o mundo da experiência do belo e do sublime - um lugar na fronteira do sonho e da existência, onde o homem e natureza se reconciliam. A cada imagem se abrem possibilidades para o lugar da contemplação, num jogo com os limites do tempo, em que experiência de contemplar está no "tempo" do sonho.

Nas paisagens e nos retratos há expressões de nossos sonhos e medos, de nossos segredos e desteros, de nossas esperanças e nossos dramas.

Multiverso é uma experimentação que nos leva para além da imagem, é a transfiguração do físico no simbólico.

São retratos na paisagem natural, que se tornam portadores de representações explícitas e/ou implícitas de um modo de ser e de estar no mundo.

É a experiência concreta do viver com o outro, plena de vida e, por isso, a pele que em todos seus sentidos exprime a nossa diversidade e pluralidade.

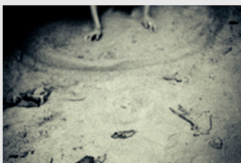
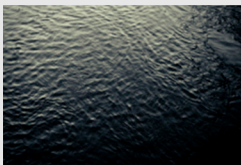
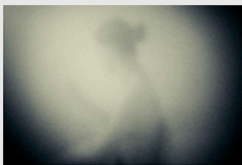
P A R T I R

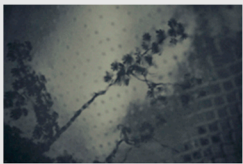
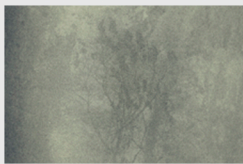
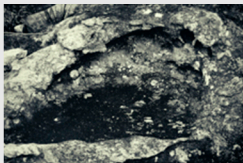


P O L A R O I D S



P R E S E N Ç A







Presença

Por Bia Dias

Conhecemos todos a nudez. Mas é preciso perdê-la de vista se quisermos reencontrá-la. Eis a mola do erotismo evidenciado no bellissimo trabalho fotográfico de Tatiana Guinle NLE e Marcelo Carrera.

"Este corpo fala", dizia Lacan. Suspenso entre dois silêncios - o da vida e o da morte - o erotismo é o que faz lembrar do confronto, com um surpreso e confuso balbuciar oriundo do corpo. Neste sentido, são imagens, que podem ser apreendidas através das experiências da aura e do estranho - lugares que se abrem e nos incorporam.

O caráter estranho da imagem reside na capacidade de inquietar e impor sua visualidade como uma distância, por mais próximo que dela estejamos, distância essa situada entre o que se oculta e o que se revela na cisão aberta pelo olhar.

"Presença" é uma série de fotografias que nos revela imagens belas e perturbadoras em permanente abertura diante de nós. Se o teatro da nudez é erótico em si mesmo, é porque ao ser tocada (profanada) enquanto objeto sagrado, a nudez leva ao erotismo essencial: fusão e supressão dos limites.

Nas fotografias em preto e branco há uma materialidade que aponta para uma abertura, para um lugar onde o ver é inquietado, um espaço onde algo estranhamente se mostra. Mas, o que seria isso, que retorna em meio às imagens como estranho?

Didi-Huberman, um dos críticos de arte mais precisos da imagem, considera que a obra é sempre portadora de algo já visto que volta subterraneamente como fantasma, atravessando e mesclando diferentes temporalidades pelos arremessos fragmentários da memória. Suspensa entre dois começos, a imagem se refere tanto àquilo que se faz bloco de sensações num dado momento, como também àquilo que é trazido pelas forças pretéritas, que não cessam de retornar como sobrevivência póstuma ou potência associada ao rebatimento do passado no presente, questão que confere à imagem um caráter de spectralidade, fascínio e fantasmagoria.

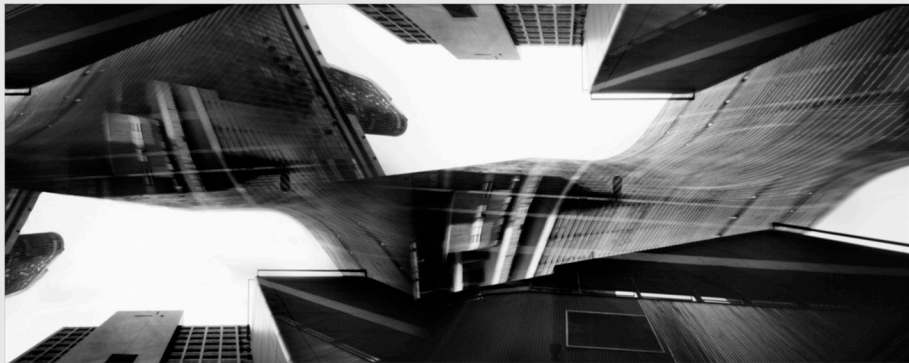
Na concepção freudiana, o estranho tem uma ligação direta com o olhar, com o que causa estranheza, por revelar conteúdos reprimidos de nós mesmos, porque mostra o vazio encenado na forma.

As fotografias de Tatiana e Marcelo inquietam a visão. São lugares onde se reproduzem realidades misteriosas com o erotismo participando na instauração de outra realidade, transfigurando as experiências e o próprio sentido da natureza circundante. O corpo aberto à nudez, em seu excesso, em sua falta, em seu desamparo, no descomedimento e na contenção, no excesso, na violência e destruição. Fotografia que não faz concessões e onde existe uma ação contínua que se afirma no vaivém entre o limite e o ilimitado. Segundo Bataille, roçamos o limite pela primeira vez ao excedê-lo - pensamos tê-lo ultrapassado, mas somente nos aproximamos dele, porque há um impossível que é o imutável, o fundo das coisas. Criar um possível (humano) na medida do impossível é a transgressão - duplo movimento que conduz à surpresa, ao segredo, ao imprevisível.

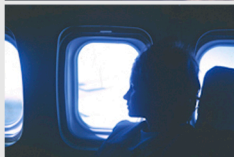
Sempre extrema, a nudez é uma imagem fronteira que, embora esteja à frente, jamais pode ser conquistada. Há algo de inatingível no corpo que se apresenta nas fotografias. No aço frio de uma presença que também é ausência, há algo que se perde de vista quando se olha. Há uma nudez entrevista em sua verdade oscilante - nudez das coisas, do entorno, da natureza, como uma súbita desordem, um frenesi dos sentidos, um mergulho abissal no corpóreo.

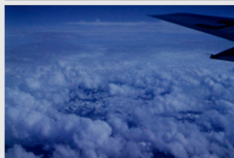
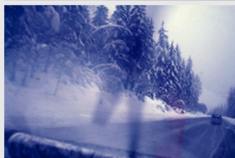
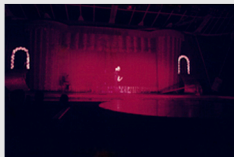
Tira-se o véu. Revela-se o objeto erótico em sua crueza espantada - a fotografia cirúrgica de Marcelo e Tatiana é a articulação desse objeto luminoso em linguagem. O macabro aqui não aniquila o erotismo - como faz a pornografia -, ele o preenche, o alimenta, o consagra. Algo delicado e brutal, nasce justamente desse sentimento de violação, de profanação do objeto. Vida e morte, dor e êxtase comunicam-se em agonia numa estética que permeia um trabalho que sabe extrair a imensidão das coisas e faz da nudez - que é positivamente a imagem da morte - uma morte que encontra a glória em Eros.

P O L I S S Ê M I C A



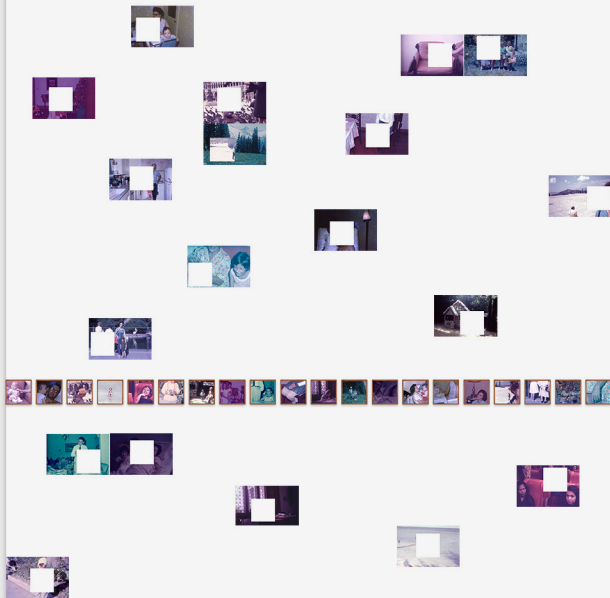
**O
D I S C R E T O
S I L Ê N C I O
D A S
C O R E S**







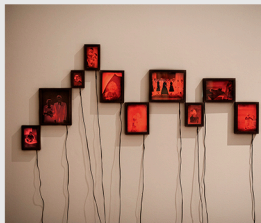
*Escaneie o
QR Code e
faça um
Tour Virtual*



*Narrativas
5x4m
Art Intervention*



Ambrótipo
22 cmx 27 cm
Photography
Edition 1



Mosaicos
1,30 mx 50 cm
Object/Photography
Edition 1



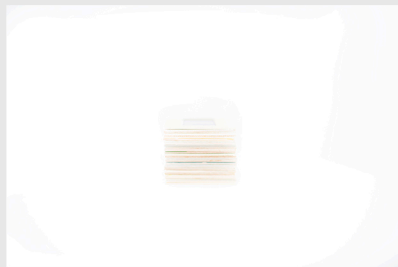
Cubo
20 cmx 20 cm
Object
Edition 1



Trava Suspensa
90 cmx 30 cm
Object
Edition 1



Caixa de Luz
60 cm x 40 cm
Object
Edition 1



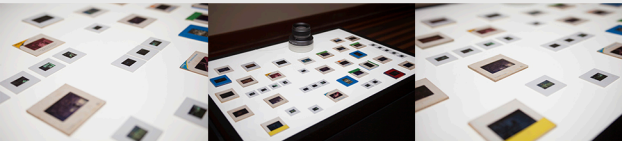
Sedimentos
30 cm x 20 cm
Sculpture
Edition 1



Scaneie o
código QR
e assista
ao vídeo.



O discreto Silêncio das cores
22 cm x 27 cm
Vídeo
Edition 1



Caixas de Luz
60 cm x 40 cm
Photography
Edition 1









Monumentos à amnésia

Você fotografa para quê? Para quem? Onde estão agora todas as fotografias que você já fez? A quem elas interessam? Elas estarão neste mundo quando você não estiver mais nele? E, se estiverem, onde estarão? Que poder de testemunho sobre você essas imagens preservam para as futuras gerações?

"O Discreto Silêncio das Cores" é fruto de uma pesquisa dos artistas Tatiana Guinle e Marcelo Carrera acerca dos paradoxos envolvidos na relação com as imagens fotográficas, às quais devotamos o poder de reter a memória das nossas próprias histórias. Todas as fotografias utilizadas nos trabalhos aqui presentes foram obtidas a partir de acervos familiares que permaneceram no mundo após serem abandonados pelas famílias, provavelmente porque os herdeiros dos herdeiros, em algum momento, deixaram de reconhecer as pessoas que protagonizam as imagens.

Como as fotografias inevitavelmente sobrevivem a nós, em algum momento elas passam a vagar pelo mundo como símbolos inócuos, desprendidas da razão que as fez existir, sem conexão com os laços afetivos e familiares que as fundaram. Ao deixar de narrar histórias de pessoas em específico, elas passam a falar mais claramente a respeito da complexa relação que temos com a nossa vulnerabilidade. As imagens de álbum de família guardam invariavelmente o lado doce de nossas vidas: as festas, os nascimentos, as viagens, os rituais de passagem. Os momentos dramáticos de dor e perda raramente são fotografados e, em geral, não vão para os álbuns familiares.

Essa narrativa fabular, asséptica e um tanto quanto falsa de nossas vidas finda por fazer todos os álbuns de família muito semelhantes. Logo, quando um determinado álbum de família se perde e trafega solitário pelo mundo, ele passa a apontar o destino cruel de todos os outros álbuns. Fotografar é uma forma de amenizar o incontornável confronto com a morte. Olhar uma fotografia do passado é uma das únicas possibilidades que temos de retroagir, de traír por um instante o fluxo natural do tempo.

Como símbolos desenraizados, vestígios de histórias que não se conectam mais a uma narrativa linear, essas imagens agora podem ser reativadas e reinseridas na sociedade a partir da imaginação e dos questionamentos dos artistas. O turbilhão de cópias fotográficas se torna uma espécie de alfabeto embaralhado com letras faltando, incapaz de escrever um conto, uma frase lógica. A informação que as imagens negam é justamente o propulsor para as estratégias criativas de Guinle e Carrera.

Os experimentos aqui expostos oscilam entre vãs tentativas de restaurar histórias e a aceitação dessa impossibilidade. Por vezes, as imagens surgem reorganizadas não mais pelo conteúdo que as enseja, mas, por exemplo, pela exuberância das cores alteradas, pelas texturas, pelas feridas expostas que o tempo e o descuido impingiram aos originais, como ocorre na série que dá o título à exposição.

A obsessão em criar memórias perenes pode, na verdade, resultar na edificação de imensos monumentos à amnésia.

Você fotografa para quem?

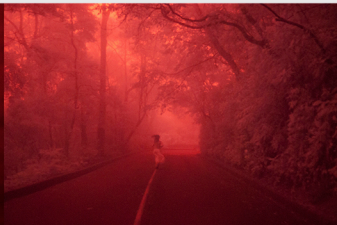
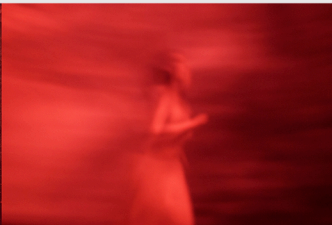
Eder Chiodetto - Curador

T O C



AS FERRAMENTAS E MÓDULO
MANTENIMENTO EM GERAL, SÃO DE
RESPONSABILIDADE DO SEU COLÉGIO
EM SEUS LOGARES
(1.903)

V É S P E R A



Véspera

Por Susana Guardado

O mundo que cruzou o novo milênio trouxe consigo premonições do vazio. Na Véspera de partir nunca, é um mergulho em uma viagem subjetiva-descortinada pelos tempos modernos, cujas certezas desapareceram, levando de vez qualquer tranquilidade acerca daquilo que se é.

Tudo o que existe, se transforma em um jogo de intensões onde o sujeito fotografado, cores, sentidos e caminhos são trocados, negociados, e direcionado para alguma coisa, uma realidade plástica, silenciosa à mercê do tempo e da urgência de viver.

Chegou a hora de fazer planos e seguir por uma estrada aonde a magia é chegar ao seu destino, um glorioso Éden, uma promessa de eterna felicidade. Mas esse destino um quase labirinto reto, percorre a estrada que tantas vezes se adia caminhar, que parece não ter fim, que faz cair em uma armadilha, em uma apatia vertiginosa entre barreiras invisíveis, que é o correr em busca de si mesmo e o medo de chegar lá.

Por isso, muitas vezes se adia o momento, amanhã é dia de conquistar o mundo e a mim mesmo, mas só o farei depois de amanhã. Por que...

*“Na véspera de não partir nunca
Ao menos não há que arrumar malas
Nem que fazer planos em papel,
Com acompanhamento involuntário de esquecimentos,
Para a parte ainda livre do dia seguinte.
Não há que fazer nada
Na véspera de não partir nunca”*

“Álvaro de Campos” heterônimo de Fernando Pessoa

O romantismo ideológico perpetua o cenário presente como uma armadilha perante as possibilidades de si própria

A linha que sugere o percurso indica o trilho a ser percorrido como um destino que se traçou, e ao mesmo tempo a fragilidade que se pode tornar a caminhada uma corda bamba, uma tênue linha que não significa apenas sua materialidade objetiva, representa também que a viagem é mais do que o movimento de partida e de retorno a algum lugar. O estrangeiro de si mesmo deve constantemente continuar a viajar em busca de si próprio.

São estas abstrações que surgem concretizadas em imagens. No tríptico fotográfico de tons rosa há uma melancolia refletida no jogo interior do desejo, mais vivido que a vida presente, e, no entanto impalpável, inacessível, a não ser pela viagem através da eternidade perdida de nós próprios.

A passagem do tempo vivida provoca um “estar-entre”, um “quase”, um “poder ser que”, até, gradualmente, tornar-se algo de onde não emerge mais. Aqui se reproduz a sensação de estar diante de abstrações como a vida, e o sentimento da vida, vividas pelo tempo sem que ele se concretize.

Na fotografia a ilusão é real e verdadeira em si mesma, ela não nega sua natureza, nada é exatamente o mesmo. É no olho do fotógrafo e nos espelhos da sua câmera que se reproduz a imagem, uma ideia de realidade, um interior estético, composto por encontros renovados com o argumento que se quer contar, e anuncia o vazio de uma realidade que é inventada, como algo transparente que se quer atravessar.

As histórias que essas imagens nos contam parecem muitas vezes enredar na armadilha do desejo. O fotógrafo de hoje é o olhar do homem desconstruído no século XX, unindo em si mesmo por atos de inconsciente violência a sua história, a percepção da estética, o renovar de seus sentimentos. Alguns nos trazem fotografias que caminham para o processo de ação, abrindo os aspectos desconhecidos da suspensão temporária de ser, e assim se tornando em mensagens enigmáticas muitas vezes sem contraste ou sem a natureza indeterminada do gênero.

Estas se transformam em sinais iconográficos de interpretação, como trilhos contaminados do nosso ideal e ao mesmo tempo dos nossos vazios, na ignorância e na ânsia de nós mesmos nos percorrermos, em nós mesmos.

V O A D O R A S









1 9 4 5 - 1 9 6 5



Contato

www.marcelocarrera.com

www.facebook.com/marcelocarrera

@carreramarcelo

marcelo@marcelocarrera.com